



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO

DOMINGO

7

Outubro - 1962

N.º 1593

Ano XXXI - Séc. VIII

(AVENÇADO)

Tipado pela C. de Censura

Redacção e Administração: RUA 19 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p. c.) - 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administração: M. BEAGA DIAS
Comp. e Imp. na "EPINHO" - Rua 19 - Telef. 920187

TRISTE REALIDADE

Cinco de Outubro

Quaisquer que sejam as circunstâncias em que o sectarismo internacional possa intervir na continuação dos ataques a Portugal, uma coisa é certa, sabida e repetida: a de ser soprado do exterior todo o maquiavelismo que preside aos actos de guerra nos nossos domínios ultramarinos.

Quando tantos estrangeiros os têm percorrido à vontade, e proclamado que não existem lá outros problemas que não sejam os de uma vida perfeitamente integrada nos princípios da ordem e do trabalho, continua o ataque desafortado em mentiras soezes.

Os visitantes são as testemunhas que no lugar próprio sabem dar o justo veredictum a tudo quanto vêem e concluem.

Não lembraria ao próprio diabo proclamar-se defensor e libertador dos que não sentem perigos nem opressões, quando os outros povos gemem sob o jugo desses «beneméritos», que deviam dar o exemplo do «desinteressado» humanitarismo, principiando pela sua própria casa.

Os goeses estão a sentir os efeitos desses santarões de farsa que lhes levaram os tais «benemerências», e que os subjugados não desejavam, nem desejam em qualquer tempo, porque não ambicionam outra coisa que não seja a passagem do terror, da fome, do desemprego e dos tiranos.

Outros, que há cerca de vinte anos perderam a liberdade, e ganharam todas as desumanidades que existiam nos séculos anteriores à Cristandade, já sentiram as torrentes de sangue, no desejo de quebrar as algemas.

Mas tudo isso é possível, porque o chamado mundo dos «novos ventos da história» desinteressaram-se dos que vivem no desespero do cativo, sem quererem lembrar-se de que o «feixe dos vimes» não é um conto, mas a tragédia da pura realidade dos nossos tempos. Os factos estão à vista.

E' por isso que já se confessam realizadores de treinos intensivos para sufocarem o que resta ainda das liberdades, não de um povo, mas de todos os povos que ainda as mantêm, pois a queda de uns, arrastará a dos outros.

Assistiremos ao desencadear das lutas cada vez mais ferozes, para a implantação das leis draconianas ao grito de liberdade, dessa liberdade que vai fazendo agonizar em transe de desespero incontido a verdadeira, cujos alarmes não são ouvidos pelos responsáveis?

Ainda não chegamos a tal ponto, pois há ainda, poucos embora, quem a ampare nos braços robustos, prontos para continuarem os sacrifícios que essa empresa comportará. E' preferível a morte com honra, do que a vida arrastada à sombra da desonra, quando são mantidos os laços que nos prendem às obrigações para com Deus e a Pátria.

E' triste assistir às corridas ofegantes atrás de quimeras, desprezando as realidades autênticas que são as maiores directrizes do homem consciente da sua própria defesa.

E' de lamentar, que homens cultos empreguem a sua cultura ao serviço da negação de tudo quanto representa o verdadeiro nível da inofismável razão das suas existências terrenas; é crime perante a humanidade, ajudar a desfazer os vínculos de tudo quanto existe no mundo na realização de tudo quanto dizia respeito ao bem das comunidades, irmanadas nos anseios da dignidade incorruptível.

Os homens regressam à barbárie. Assim desejam.

RUI DE FARIA

Novos Assinantes

Inscreveram-se ultimamente como assinantes do nosso jornal mais as seguintes pessoas:
Manuel Couto Rodrigues da Silva, Manuel dos Santos Luís Rodrigues, Carlos Alberto Baptista de Castro Correia, Félix Pereira de Sá, José de Sá Couto, Dr. Manuel da Costa Pinto, José Madeira Soares, Proprietário da Espataria Manuel, Proprietário dos

Armazéns Vinte e Três, Proprietários do Café Ribamar, Jaime P. rd são proprietário do Café Paradigão, de Espinho; Manuel Pinto Loureiro, de Silvalde; Edmundo Ferreira, de Matosinhos; Firmino Gomes de Oliveira, de Seixal; António de Sá Carvalho, de Quelizane-Mocambique; Manuel de Sá Pereira, de Luanda-Angola; e Aurélio Vieira Pinto, de Espinho
Aos novos assinantes dirigimos os nossos cumprimentos de boas-vindas,

Na passada sexta-feira, dia 5 de Outubro, fez 52 anos que foi implantado em Portugal o regime republicano, após o triunfo de uma revolução generosa, na qual colaboraram, entusiasticamente, a Marinha de Guerra, o Exército e o povo de Lisboa, revolução em que predominou um indelével espírito cívico e humanitário, quase sem efusão de sangue.
E' que o novo regime era de há muito tempo a aspiração máxima da maioria do povo português e o seu advento aguardado com grande ansiedade para imprimir orientação mais progressiva aos destinos da Pátria. E por isso foi recebido com grandes manifestações de patriótico regosio em todo o Mundo Português.
52 anos passados já não faz parte do número dos vivos nenhum dos fundadores da República. Mas, apesar de todas as vicissitudes porque as instituições têm passado, o regime republicano continua de pé e a imperar no coração e na alma da maioria do povo português.
Para a memória dos idealistas que fundaram a República vão neste momento as nossas sentidas homenagens.

Obras de Defesa

Recomeçaram os trabalhos das obras de defesa da nossa praia, o que é motivo de regosio para todos os espinhenses, que se mostram reconhecidos aos Ex. mos Srs. Ministro das Obras Públicas e Director Geral dos Serviços Hidráulicos.
Que as ditas obras agora prosseguem não são os ardentes desejos de todos os habitantes desta terra, e momento dos que vivem à beira ou próximo do mar, que quase todos os anos são vítimas das investidas das vagas que lhes chegam a inundar as suas casas.

Está a tomar proporções assustadoras a tiragem de areia da nossa praia para fins industriais

Constantemente chegam até nós queixas alarmantes devido ao facto de, tanto de dia como de noite, ao sul e ao norte de Espinho estarem a retirar diariamente muitas toneladas de areia que faz falta à nossa praia.
Ora, quando se está a pedir às repartições competentes para prolongarem os esporões com o fim de se provocar o assoreamento da praia, base principal da sua defesa, não faz sentido que se esteja a retirar areia da praia em quantidades formidáveis.
As dignas autoridades marítimas, solicitamos urgentes providências a fim de evitar a continuação do desgaste da nossa praia que pode vir a ter consequências desastrosas.

Hora de Inverno

Por despacho do Sr. Ministro das Obras Públicas, entra-se hoje na hora de inverno pelo que os relógios oficiais foram atrasados 60 minutos, às 3 horas da madrugada.

«Notícias de Over»

Este prezado colega comemorou o seu 14.º aniversário em 20 de Setembro passado, com um número de excelente apresentação e copiosa colaboração.
Na pessoa do seu ilustre Director, sr. António Coentro de Pinho, felicitamos todo o seu corpo redactorial, augurando ao «Notícias de Over» longa vida e largas prosperidades.

Farmácia de Serviço, HOJE
SANTOS
Rua 19 Telef. 920331

Plano de Actividade e Bases de Orçamento Ordinário da CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO para o ano de 1963

Na exposição que recentemente, submeteu à apreciação do Conselho Municipal relativa ao Plano de Actividade e às Bases do Orçamento para 1963, o Senhor Presidente da Câmara faz as seguintes considerações:

«Dentro de uma previsão orçamental de cerca de 4.100 contos de receita ordinária, excluindo consignação de receitas, e em face das necessidades em obras e melhoramentos na sede do concelho e nas freguesias rurais, não se podem alimentar as b'çõ:s demasiado latas, e a actividade municipal terá de se cingir às possibilidades resultantes dos seus réditos próprios e ao auxílio, em participações do Estado, que nem sempre são processadas com a rapidez desejada, o que acarreta atrasos e demoras que vêm afectar os planos previamente aprovados.

Por isso, um plano de actividade municipal, em que teóricamente se deve conter a selecção das necessidades a satisfazer no concelho, segundo a ordem de importância e urgência e de acordo com as disponibilidades, tem forçadas limitações e atrasos, independentes, por vezes, da vontade da Edilidade, e aos quais esta se tem de sujeitar.

No entanto, um factor há que, de forma sensível, poderá vir a influenciar decisivamente a acção futura da Câmara — trata-se da mudança da linha férrea para a variante a nascente.

O problema que de há longos anos se vem debatendo, e que tem peado de certo modo a urbanização de Espinho, encontra-se em fase decisiva e susceptível de, a curto prazo, ter definitiva solução. Neste momento não é possível estabelecer uma base segura quanto à sua mudança ou não. O empreendimento reveste-se de extraordinária importância e grande dificuldade, porquanto, a concretizar-se, a mudança está orçada em 55 mil contos, verba de tal magnitude que supera as possibilidades financeiras normais das entidades que eventualmente terão de para ela contribuir.

A Câmara envidará e continuará a empregar todos os esforços no sentido de esta legítima aspiração se consumar, e, para isso, conta com a melhor boa vontade das entidades oficiais, muito particularmente de Suas Exas. os Ministros das Comunicações e das Obras Públicas, bem como da C. P., e para o efeito, se tanto for necessário, prestará o seu concurso em numerário, em moldes ainda a estudar, dentro das suas possibilidades e, eventualmente, com o recurso a um empréstimo, mas nesta hipótese, o Conselho Municipal terá oportunamente de se pronunciar.

E' que o problema da mudança da linha reveste-se de tanta transcendência para Espinho que da sua execução se pode originar uma transformação radical no seu aspecto urbanístico.

Por isso, e embora para este objectivo se possam exigir sacrificios ao Município, a verdade é que o futuro desta moderna Vila exige a sua aceitação, pois dela resultará indubitavelmente as premissas para a criação da futura cidade a que com tanta propriedade já tem jús».

EMPRÉSTIMOS

A Câmara apenas tem a considerar os encargos com os dois empréstimos contraídos na Caixa Geral de Depósitos para os Ser-

Continua na 2.ª página

A Banda de Música de Espinho precisa do auxílio de todos os espinhenses!

Espinhenses e forasteiros que em grande número assistiram aos magníficos concertos musicais durante as festas da Senhora da Ajuda e das Festas da Vila, tiveram ensejo de apreciar o bom nível artístico da Banda dos Bombeiros Voluntários de Espinho em confronto com outras congéneres de categoria, que igualmente actuaram nas referidas festas.
Os aplausos calorosos e prolongados, entusiásticos, até, que o público dispensava à Banda de Espinho ao terminar a execução de cada peça eram bem significativos de apreço, admiração e de orgulho.
A Banda de Espinho nunca esteve assim, nunca esteve tão afinada, tão boa! — Era a voz geral de espinhenses e de estranhos!
E, na verdade, desde que faltou o seu antigo e saudoso mestre, Joaquim Alves de Sousa Neves (Soqueiro), já-mais Espinho teve uma banda de música à altura do seu nome. Finalmente, de há muitos anos para cá, a Capital da Costa Verde tem um conjunto musical que a honra, e, se obtiver o apoio moral e pecuniário, de que carece e a que faz jús, da parte das entidades locais e da população desta terra, pode vir a ombrear com as melhores bandas civis do País.
O apoio moral já é grande, pode dizer-se que é um facto. Mas não basta.

E' indispensável o apoio pecuniário. Sem dinheiro nada se consegue. E a manutenção de uma boa banda de música custa muito dinheiro. Não pode estar a cargo simplesmente de alguns indivíduos que não são ricos, embora com o auxílio esporádico e insuficiente de dois organismos e de quatro ou cinco baírristas cujo montante, aliás apreciável, não cobre um terço das despesas anuais.

A Banda de Espinho ali está, pronta a honrar o nome da terra a que pertence, em toda a parte aonde quer que seja chamada a prestar a sua colaboração, como aliás já tem feito em várias localidades.

Para mantê-la, para conservá-la no nível que alcançou ultimamente, é necessário que todos os organismos da nossa terra, todas as empresas, todos os espinhenses baírristas e todos os amigos de Espinho se disponham a auxiliá-la a valer, evitando que a obra que tantos esforços e sacrificios custou a levantar se desmone de um instante para o outro por falta de auxílio financeiro.

Vai sair para a Rua na ingrata missão de angariar fundos que garantam a manutenção e o futuro da Banda dos Bombeiros Voluntários de Espinho, que é a Banda de Espinho, uma comissão de Amigos da mesma Banda, esperando conseguir um resultado compensador. Assim é preciso e é de esperar dos verdadeiros baírristas e de todos quantos aqui vivem ou exercem a sua actividade.

Auxiliar a Banda de Espinho é dar uma prova de baírrismo dos naturais e adeptivos, é dar uma prova de amor por esta bela e progressiva terra que se chama ESPINHO!

Conto

DE FERNANDO MOURA

RA de tarde. As bolinhas de vidro, algumas de cores bonitas, talvez vermelhas ou azuis, porque não azuis? ainda não se viam. Por enquanto era tudo igual, tudo azul claro. Era azul claro porque os outros diziam que era azul claro. Ele não sabia. Era daltônico e para mais estava com uns olhos grandes e negros. Antes eles tinham sido brancos e pequenos, mas agora eram grandes, demasiados grandes para poderem ser brancos. E por isso eles eram escuros. Um café bem quente. A conversa era antiga. O homem que servia o café já a sabia. O café. Era o bilhete, ou melhor, a licença para poder estar sentado a espera que a bola maior desaparecesse para as bolinhas começarem a brilhar. E no entanto ele sabia, todos sabiam que a bola do dia era mais pequenina que as bolinhas da noite. Mas estava mais perto e por isso falava-se dela no singular. Era convenção. Por detrás dos olhos grandes, o homem que os tinha sabia que as bolas, fossem pequenas ou grades, acabariam todas reduzidas a números numa folha de papel, daí a dois ou três anos (a disjuntiva era por causa dos exames serem difíceis). Ao lado dos olhos grandes e escuros havia outros, igualmente grandes. Mas brancos. O homem dos olhos escuros via o mundo através dos olhos brancos que estavam ao lado. Os olhos brancos viam as coisas brancas, ou de cores, de cores talvez demasiado brancas. Quando os olhos brancos se interpenetravam nos escuros, ficavam húmidos. E não se sabia porque. Mas eles podiam interpenetrar-se. Ambos eram grandes. Só mudava o vidro. O frágil. O alícerce era da mesma substância. Agora, antes não tinha sido, mas quando os brancos e os escuros ficaram lado a lado, ambos se amalgamaram numa espécie de simbiose. A simbiose do plástico. Ou por certo a simbiose do que estava para muito atrás do plástico. Isso, o que estava atrás dos olhos, não tinha cor. Era preto, pouco ou muito, e até chegava a ser quase branco. Quase branco ou branco era quando os olhos não existiam, quando só o incolor olhava e falava, ou o tentava, com o que tinha constituído as bolinhas. Todas. As perto e as longe, e aquelas que pareciam vidrínhos partidos. Partidos e a tremor.

Podia trazer mais um pacote de açúcar, se faz favor? O açúcar ou era para torrar o café menos ácido ou era para a colecção. Seria bom mudar. Deixar o café e beber outra coisa. No outro dia tinham pedido café sem caféina. Mas não soubera bem. Sabia a optimismo. O café era amargo. Não devia os olhos fechar-se. A bola grande estava quase a mergulhar na bacia grande. E os dois relógios, o que tinha ponteiros e o que não tinha, ditaram a sentença velha de muito tempo. Era preciso romper. Por fim no pensar sem falar, para falar sem pensar. No caminho eles pensaram qual a maneira de transformar em simbiose todo o paritismo que por ali vagueava. A simbiose, a definição era velha e vinha na Biologia estudada atrás, interessava a mais de um. Era de proveito mútuo. No livro falava também de paritismo. Era só para um. E o pior é que matava os outros. Depois dearam-se as mãos e partiram, certos que iriam ajudar a construir o Novo Mundo, até serem duas bolinhas de vidro, talvez a brilhar e a tremor...

Espinho, 8 de Setembro de 1962

FERNANDO MOURA

da própria sensação de existir, a realidade interior obsessiva e dramática. A autora impregna assim as personagens do seu livro com estes estados de alma melancólicos, líricos, dramáticos em lutas interiores de sentimentos desencontrados, de paixões desencadeadas pela cegueira do amor e do ciúme.

Maria Judite de Carvalho com este livro, não há dúvida, guindou-se a um lugar cimeiro e privilegiado da ficção portuguesa.

O prémio Camilo C. Branco com que foi agraciada pode considerar-se não não só como um prémio individual

JULIANO DANTAS O Homem e o Artista

por Julião Ribeiro

NA paisagem literária de século, em que tantos valores se evidenciam e evidenciavam, Júlio Dantas, que partiu velho e alquebrado para o além, é um escritor sem par, um escritor que muitos imitadores, mas que nem um só conseguiu igualá-lo. Pelo estilo, pela imagem, pelo ritmo musical das suas palavras, ele foi o maior e o melhor. Basta recordar «Rosas de todo o ano», um drama pavidó pela candura das personagens — e aquela maravilhosa «Ceias dos Carduais», o retrato psicológico da França aristocrática, da Espanha cavalleiresca e tonitruante, e o Portugal sentimental e cristão.

Falar ou escrever sobre Júlio Dantas não é tarefa fácil, de sobrenos. Assim o reconheceu a Academia de Ciências e Letras que ele, por muitos anos, dirigiu com clara inteligência e inusitado brilho. E não é fácil falar ou escrever sobre este grande escritor porque o seu talento, rico, variado e brilhante, era essencialmente polímorfo. Aristocrata pelo espírito e pela educação — o Pai, Casimiro Dantas, outro grande escritor revia-se nele — Júlio Dantas ouvia e interpretava o Povo, retratando, heróica ou mesquinha, a sua alma. Se ele gizou e escreveu o «Repositório Verde», um drama mórbido, retratando um meio e uma classe, também gizou e escreveu — ou, melhor, «criou» — a «Severa» que tem sido, desde há muitos anos, a pedra de toque dos nossos maiores e melhores artistas. Não há atriz categorizada que não soe com a criação da «Severa», cem por cento fadista mas de criação amorosa e compadecido. E o Custódio? Estamos a ver o António Pinheiro na sua magistral interpretação!

Não vamos, evidentemente, destrinçar, uma por uma, as obras de Júlio Dantas. Essas obras — teatro, poesia, crónicas, ensaios — formam um todo completo, são obras indivisíveis. Este escritor — acentuamo-lo — tinha o culto das manietras e da boa linguagem. Ascendendo, pelos méritos, aos lugares mais representativos da Nação, foi ministro, dirigente político — e sempre com admiração aprumo. Foi ele, um amoroso do Brasil, que chefiou a Missão Portuguesa, que, pela ocasião do Duplo Centenário, o nosso Governo mandou ao país. Durante a travessia do Atlântico — morreu-lhe a Mãe, em Lisboa. Ele seguiu, o coração desfeito em lágrimas, a cumprir a sua alta e honrosa missão!

Falamos-lhe uma única vez, há vinte e dois anos, no Grande Hotel do Porto. Ele viera ao Norte para tratar das comemorações do Duplo Centenário. Corremos ao hotel onde se hospedara no intuito de o ouvir, de o entrevistar. Não se escusou, não se fez difícil. Viera para cumprir o seu dever. Ele, que

escrevera as páginas primorosas da «Pátria Portuguesa», não poderia escusar-se a cumprir o que, para ele, era um dever sagrado.

Nós, que o admirávamos como um ídolo, ficamos a adorá-lo mais. Não era apenas um grande escritor e um grande artista, o que já era muito. Era um Homem, «todo um homem», como diria Ulanunou.

Houve muitos que o detrataram, que o insultaram, que o acusaram de plagiar. Lembro-me de um livro — «Mas...» — que o arrastava pelas ruas da amargura. Esse livro, publicado há mais de trinta anos, era da autoria de um escritor que, no decurso do tempo, viria a ser um dos mais lidos e admirados romancistas portugueses. Esse homem, naturalmente bom, deve ter-se arrependido da pedada então jogada. Diga-se que no «Mas...» havia páginas picotadas. Quem não gostava ou não concordasse — cortava-as e deixava-as ao lixo.

Mas Júlio Dantas, elegante, distinto, de prosa ática e maleável, sobreviveu a tudo. A morte foi um incidente inevitável. Com 82 anos, mais cristão do que céptico, confortou-se com a vontade de Deus. De longe, para os seus iminentes colegas da Academia, e essas cartas, de lapidares conceitos, eram o complemento da sua obra literária e artística, obra vasta, complexa, variada e apaixonante.

Portugal, ao contrário do que sucedeu com Gomes Leal — que desceu ao túmulo sem acompanhamento — sentiu a morte de Júlio Dantas. Foi para muita gente dia de luto de nacional. OLIVA não podia ficar alheia ao movimento que, por toda a parte se manifestou. Vem aqui, calorosa e firme, exaltar o escritor que, escrevendo páginas maravilhosas, valorizou e enriqueceu a língua, sem recorrer a glossários, ensinando-nos a escrever e a admitir, cada vez mais, aquela língua máscula e varonil em que Camões — outro dos grandes — escreveu LUSIADAS — J. R.

Da Revista «Oliva», de 26/7/62 — com a devida vénia.

Notas Críticas

continuação da página anterior

OS PRETORIANOS

de J. Antunes

Depois de «Os Centuriões», apareceu mais uma obra de J. Latégny editada pela Bertrand. «Os Pretorianos», um livro que teve a maior tiragem na França e foi muito apreciada na Europa. Trata este livro dos acontecimentos dos últimos dez anos da Argélia que dividiram os franceses. O ódio, a guerra e a desilusão porpassar em todas as suas páginas narradas por um capitão, que mereceu das circunstâncias a denominação.

«Os Pretorianos» é um documento do conflito entre franceses e argelinos que assume relevância importante porque levanta a questão da guarnição corrente, quotidiana tem a especificidade

Poetas do Brasil

continuação da página 1

tamente o termo, as páginas deste enternecedor livro, exaltando ante as paisagens sem par que fazem do Minho «a sala de visitas» de Portugal.

«O gorgheio da passarada, o esvoaçar suave das andorinhas, os cantares alegres, de um povo que sabe rezar e cantar ao mesmo tempo, a verdade das multiplicas cores que nos oferecem toda a paleta da singularidade Minho bem português; a isto o autor de «Cadernos de Trêves», deu vida e trocou de coloridos de festa. Mas esquecemo-lo em «ANDORINHAS».

Em Outubro, é linda ver, Das cascas no seu beirão, As suas asas a bater Para fugir de Portugal!

Es as andorinhas comigam Voltam de novo ao beirão Das cascas! suas antigas São hinos a Portugal!

Mas não se limita o autor a cantar a terra que viu nascer. Envolve ainda no seu canto, as maravilhosas tonalidades que lhe oferece o Rio de Janeiro, igualmente toda a terra portuguesa, deslizando no rosário da saudade, esta conta um poema de belo recorte artístico e de não menor espírito de portugalidade.

Em tons, mais uma vez, Relembro a terra natal, No meu peito de português, Vibre o amor a Portugal.

E confessando-se admirador do senhor Presidente do Conselho de Ministros, é ainda o seu amor à Pátria portuguesa que vem ao de cima:

Aqui vai a minha homenagem Ao estadista sem par, Varto sobre e de coragem Que se chama SALAZAR!

Que Deus o guarde e ajude Livrando-o de todo o mal. Salazar, uma virtude E glória de Portugal!

Terminamos, não sem que acrescentemos que Manuel José de Castro, não é sómente um poeta de «mens sanna», como um português que amando a Poesia e a Pátria, segue a estelra luminosa daqueles que tornaram Portugal grande entre os maiores.

Amanda Neta

JANTAR MUNDANO

de Claud Mauriac

«Jantar Mundano», obra escolhida pela editorial Europa — América, para dar a conhecer ao leitor português um dos escritores mais originais do seu país. A acção decorre simplesmente à volta de uma mesa redonda onde oito convites se juntam num jantar em casa do escritor Bertrand Cartioux. O romance começa quando vão para a mesa e acaba quando se levantam.

As conversas e os pensamentos são registados por intermédio dos seus diálogos e monólogos permitindo assim ao leitor penetrar no íntimo das personagens e conhecer de cada um o seu modo de ser, os seus pensamentos, as suas destuições, a sua personalidade. Romance sem dúvida original tanto pelo tema como pelo estilo.

FRANCISCO MANUEL DO COURO

62
RAL
fo da
orto e
o seu
etirou
ade.
IRA
re nós
curta
nside-
ezado
Alves
essado
dece-
plares
rensa
demoa
a e o
lação.
ETC.
/vila o
aquim
a ne-
nosso
Maria
ara a
assio-
no da
blela
stiteo
Dr. a
estil-
Sousa
vo na
pre-
Major
a es-
RI-
skas
anelo
antes
Ma-
reira
a Jd-
e es-
ssam
visita
ira e
lente
livel-
para
o amigo
AME
ju o
Li-
vem
D. D.
Sr. S.
ssos
NTE
fec-
mo-
lina
pre-
D. D.
Sr. S.
inte
ilna
pas.
eva,
vos
um
ima
em
ges
les.
Casa
Por motivo
da Marinha,
S. João de D.
Falar na R.
Adega
Com todo o
ruas, com
em Espinho,
o
A
Casa grande
80, Frente à
na
Casa
à entrada de
prnte de A
Bairro Espi
com grande
cave
Ca
© mais sa
ciado dos
Principais ca
Em Lisboa
NICOLA.

Sá!!!

É noite. Já o manto das trevas desceu sobre a terra mas nem todos os habitantes da aldeia repousam. Uma luz trêmula chama a minha atenção. Julgo divisar um vulto debruçado a uma janela contemplando o fulgor das estrelas. Aproximo-me. Ouço um leve ruído semelhante a um soluço. Então reparo que ele chora. Procuro consolá-lo. Penso que talvez a sua dor seja provocada por alguma paixão amorosa. Mas engano-me. Ele começa a contar-me a sua vida. Nasceu na Aldeia mas seus pais e irmãos estão longe. Embora esteja a viver com pessoas de família sente-se só e desamparado. Não porque lhe faltam os carinhos e afagos dos parentes mas porque se sente incompreendido. Durante a sua já longa preparação para a vida aprendeu a ter uma concepção assaz idealista da vida. Para ele é impossível haver maldade nas pessoas e a vida quotidiana ser tão dura e triste. Para ele as palavras hipocrisias,



ilusão! Os homens maltratam-se, espe-
zinhando os mais belos e ternos senti-
mentos humanos, desprezando os direi-
tos e virtudes alheias e, muitas vezes,

A Fonte do Mõcho

(Quem beber da sua água, ficará preso a Espinho para sempre.)

(Da tradição popular)

Fonte do Mõcho!... Estou ainda a vê-la,
Saudosamente, à linda fonte morta!...
— Mirrou-se, há muito, a dove, tagarela!...
— Quem pensa, agora nela?... Quem se importa?...

Em sua gruta, rásica e singelo,
Jorrando a linfa, em seu palmar absorto,
Ela no entanto, foi uma aguarela
De estímoreo, que Espinho tinha à porta!...

Dizia a lenda, então, que a linda Fonte
Prendia a Espinho... — mas nem sei se conte! —
Quem lhe bebese a água felleira!...

Quiz lá saber da lenda!... Mõcho e onizado,
Zombei da tradição... e o resultado,
— Foi ficar preso a Espinho a vida inteira!...

CARLOS DE MORAIS

Do livro em preparação:
«BENDAS DE ESPINHO»
(Poemas da Beira Mar)

usam os métodos mais obscenos e re-
pugnantes para satisfazer os seus capri-
chos. Os animais, acossados pelo rei
da natureza fogem espavoridos, des-
truindo todos os obstáculos que difi-
cultam a sua passagem não tendo relutância
mesmo em matar. Em suma, a
Natureza parece estar revoltada contra
o seu tirano: o Homem. ...E ele chora.
Lastima-se porque o seu sonho era belo
mas não encontra alicerces na vida
mundana. Perante a dura prova a que
Deus submeteu os homens, a vida, ele
não sabe como agir: fazer prevalecer
as suas ideias ou seguir o pensamento
dos restantes homens? Julga impossível
lutar contra o materialismo humano e
por isso põe a sua primeira intenção
de parte. Mas seguir as ideias que ali-
mentam esse materialismo também não
porque sabe que são nocivas. Então,
desespera porque não sabe qual a ati-
tude a tomar. Está só e por isso não
sente ânimo para prosseguir a sua vida
introyerida. Se encontrasse alguém que
pensasse como ele? Mas não, não tem
pariários.

Por isso chora e geme mas em vão
procura amparo e consolo na noite
fria e nas estrelas.

MANUEL DIAS

comemora
Festeja
sua funda-
ros Mitua-
Grijó e fre-
das mais an-
tuições mu-
Não pod-
nal aceder
sua digna D-
a um compr-
correndo-se
Correspon-
Espinho» e
nidades de
colaborador

Pelo Sr. D.
Siva, Adm-
D. Costa
o R. V. P.
Xira que ve-
igual função
(concílio de
muito e im-
coração e z-
Muito em
cargo nesta
em 21 de
desde já a S-
mais resp-
bas vindas
estar certo d-
— um povo
amigo, crea-

ASSOCIAÇÃO
TUOS FUN-
AMBOS OS
FREGUES

E' já no
fest já o 70-
nada Ass-
Do seu
de tacamos
A's 7 h r-
Mosteiro de
quim de So-
de todos os
qual have
onde aquele
ciará uma a-
ditos sócio-
palavr: o co-
amigo da co-
Joaquim Pi-

A's 15 h-
à C uz do L-
tividades con-
v rã a co-
Sede da An-
da palavra d-
interessante
Abri hinte
apreciada to-
regência de

CAMPEO

Principiou
diputi desta
A equipa e-
no seu comp-
terminando
dos Juniores
torrenciais
tro mas ap-
pas lutaram
A rfluência
casa de vide-
a 2 a j-
que se ef-
próximo dom-
meiro elub:

Correio
Noticias

A Associação
Poetas do Brasil
MANUEL JOSÉ DE CASTRO
e o seu livro
"CADERNO DE TROVAS"
por Amândio Nair

Suplemento
CULTURAL

Defesa de Espinho n.º 1592

7/10/1962

SÉRIE II Direcção de BENJAMIM DA COSTA DIAS

Maria Judite de Carvalho

por Francisco Manuel do Couto

romancistas de quem os críticos não se têm esquecido. Assim o provam os prémios literários que agraciaram e continuam a agraciar obras de escritores. Para exemplificar

continua na página 2

O autor do livro que ora tenho presente, é português, natural do Minho. Cedo embarcou para o Brasil, onde está radicado e com residência no Rio de Janeiro. Sem haver cursado em qualquer estabelecimento superior, o seu espírito artístico está sobejamente definido em mais de 100 telas a óleo e em mais de 3.700 poemas, que lhes grangearam a simpatia e a admiração nos meios culturais do Rio. Honramo-nos, sobremaneira, trazê-lo ao nosso convívio, pois se trata, efectivamente, de um bom poeta que em Terras de Santa Cruz continua a sublimar arte, em que se notabilizam muitos dos mais altos valores da sua e dessa querida Pátria.

Neste seu livro que a distinta romancista e poetisa, Lólia de Oliveira me acaba de enviar, o seu autor canta as maravilhas da sua terra natal, e o leitor atento aos encantamentos da arte, onde quer que ela se manifeste, vai desbobinando, uma por uma, como se rezasse devo-

continua na página 3

ECOS

OS PRIMEIROS HOMENS PARA A LUA

Vai ser publicado pela Bertrand na colecção «Documentos de Todos os Tempos», o livro «Os Primeiros Homens para a Lua» de Werner Braun. Esta obra trata da descrição da viagem à Lua pelos primeiros homens que consigam tal conquista. Von Braun expõe através da sua obra as dificuldades encontradas, os perigos enfrentados, as precauções técnicas que se têm levado a cabo, conta-nos os duríssimos treinos a que são submetidos os astronautas. Não se trata de uma obra de ficção científica mas sim de reportagem. É a narrativa do que fará o primeiro homem a descer no nosso satélite. Livro apaixonante e acessível a toda a gente porque está escrito numa linguagem para qualquer leitor.

AS LOIRAS MORREM CEDO

Na Editora Ática e oferecido pela Livraria Ernesto, apareceu o livro «As Loiras Morrem Cedamente» de William Mc Givern. Trata da história de Bill Carnall, um clínico detective particular na perseguição do brutal assassino de uma rapariga. Essa mesma perseguição leva-o a penetrar numa selva de gangsters levando as vítimas destes, cujas vidas era um verdadeiro pesadelo. Quem avisaria o «boss» Mort Ellerton sobre as andanças e planos de Bill Carnall? Livro excepcional da literatura policial.

AS MÁSCARAS FINAIS

de Urbano T. Rodrigues

Vai ser publicado pela Bertrand mais um novo livro de Urbano Tavares Rodrigues: «As Máscaras Finais», conjunto de novelas nas quais o autor se conserva fiel ao seu característico realismo crítico. Dentro de dias aparecerá também a segunda edição «Nus e Suplicantes».

LITERATURA INFANTIL

A Bertrand vai recidivar histórias para crianças da autoria de Aquilino Ribeiro. São as seguintes: «Mestre Grilo Cantava e a Giganta Dormia», «História do Macaco Trocista e do Elefante que não era para graças», «História do Coelho Pardinho que ficou sem Rabo», «O Filho da Felícia ou a Inocência Recompensada» e «História do Burro com Rabo de Legua e Meia».

Poema sobre a morte do Cisne

No lago que trago
Nos olhos
No ouvido
Nos gestos que traço
É sintó
É persigo
No álgido e grave
Presente momento
Do lago
Da nuvem
Do sonho
Do tempo
No sangue que corre
Da ferida recente
Do tempo presente
É ausente e distante
Na voz arquejante
Nos olhos tocados
De pura distância
Na própria elegância
Daquela que dance
A morte dum cisne
De qualquer Saint-Sauss
Eu canto o que é forte
E sabe ser belo
Cantar no Supremo
Momento da morte

continua na página 2

Na época contemporânea, porém, a mulher portuguesa não se contentou em ser simples espectadora, em ser apenas motivo ideal de inspiração (o que já não era pouco), e tornou-se ela própria criadora de beleza traduzida em obras de pintura ou escultura, música ou literatura.

Tem sido frutífero o aparecimento da mulher no campo da literatura?

Sem dúvida que sim. Basta lermos os monumentos literários duma Virgínia Woolf, duma Selma Lagerlof, duma Katherine Mansfield, duma Pearl Buck. Dentro da nossa literatura basta apreciarmos as obras duma Florbela Esplanca, Agustina Bessa Luís, Fernanda Botelho, Graça P. de Morais, Judith Navarro, Maria Judite de Carvalho etc. etc., para verificarmos que não é em vão, nem tão pouco por mero passatempo que a mulher portuguesa se dedica à literatura. Dentro portanto da Literatura Portuguesa podemos afirmar sem receio de desmentido, que existem reais e autênticos valores; talentos comprovados de escritoras insignes -poetisas ou novelistas, contistas ou

Nossa Senhora da Ajuda de Espinho

Pelo Professor Arlindo de Sousa

III

Literatura abundante é a que diz respeito à festa que se faz à Senhora, no terceiro domingo de Setembro.

Os trabalhos das comissões encarregadas da realização dos festejos, as reuniões, discussões, angariação de donativos, contas de receitas, despesas e saldos, medidas de segurança contra a gatunagem, as cardinas, tendas de bugigangas, barracas de música, concertos, ornamentação, iluminação, lógos de artilharia, vestuário dos vareiros da terra e dos mandês e marias de fora, os namoros, descantes populares, bailaricos, os banhos santos, prolongamento dos que se efectuam nas noites de São João e de São Pedro, a feira das cebolas da segunda-feira, as diversões da sociedade elegante nos clubes, assembleias, casinos, cinemas e teatros, as peças regionais alusivas aos milagres da Senhora da Ajuda como a de Mario Casal representada no Teatro Aliança, em 1941 — tantas e tão variadas matérias deram assunto para muitos volumes.

Fontes valiosas são os jornais locais, e, também, toda a imprensa diária categorizada do país. Desde as breves correspondências do «Primeiro de Janeiro», de 18 de Setembro de 1889, e da «Mala da Europa», de 2 de Outubro de 1898 que se refere que a procissão foi acompanhada por uma força de infantaria 6.ª às notícias mais promemorisadas da «Cezta de Espinho», de 25 de Setembro de 1904, quando as festividades estão em grande pujança, mas já apontando alguns aspectos de decadência que, nos anos seguintes, se torna maior.

Quadro de singular beleza, de apoteose, de ternura inefável é a procissão que se realiza na tarde de domingo!

Gente da borda marinha, e, de longe, das serras de Arouca e de Paiva, das planícies vouguesas, das agras férteis de Cambra e Oliveira, dos milharais pretos de Fiães e de Sanguedo, dos povoados ribonhos de Grijó e de Pedroso, num vulto solene de gratidão unânime à padroeira do mar e dos pescadores.

E a procissão desfila por entre as massas compactas de féis, Ruas jucadas de verdes. Arcos floridos. Janelas corridas de colchas de damasco. Toques algres de sinos. Estrondos de foguetes — Moldura maravilhosa, empolgante do cortejo.

Insígnias religiosas da igreja matriz e da capela de Santa Maria Maios: a sagrada custódia, crucifixos, imagens, estandartes, padrões de prata, anjinhos e promessas.

São Pedro da Mata empresta o seu andor e as alfaias da sua capela.

Chegam traineiras afectoadas de Matosinhos, Tripulação garbosa atenta, em seus lugares. Vêm a Maria Olinda, Maria do Carmo e São Luís.

O andor da Padroeira aos ombros dos pescadores silencia a praia. Estaca Olha para o mar.

Um sacerdote dirige a Senhora um oração comovente. Pede à Mãe de Deus que proteja os pescadores, nas fainas arriscadas da pesca. História as tragédias dos naufrágios locais.

Decorre a cerimónia da bênção do mar, com raízes fundas, cremos bem, em antigos cultos pagãos.

Girândolas de foguetes rargam o espaço. Responde o mar à terra dos barcos das companhias da Mota e dos cercos matosinhenses.

Devção impressionante! Fé capaz de abalar, mesmo o coração dos rochedos brutos das funduras do mar!

Não encontramos alma, não encontramos palavras para descrição mais ampla.

Melhor do que nós sente, fala ou escreve qualquer cronista local, mais apagado ao meio, vivendo, ano após ano, a grandeza e emoção dos cenários:

«... santa gente da Nossa Senhora da Ajuda, tomamos-lhe o pulso, auscultamo-la — e era ouvi-la ao evocar-se a procissão, nota dominante e enternecedora de toda a festa, sobretudo na ocasião em que o andor da Senhora chegava ao meio da Esplanada e era voltado, em atitude veneranda, em frente ao mar felicíssimo, misterioso e lindíssimo — instante abençoado e arrepiante em que os pescadores, ao largo, nas suas traineiras, todo o seu ser, toda a sua vida, saudavam no meio do maior júbilo, fêléticamente, a sua protectora querida, rompendo um fogo de peito, de hossana delirante, de frenesi, de envaidecimento baítrista, de sentidíssima fé!

Emoção profunda, homenagem vivida, oração fervorosamente rezada, implozando piedade, bênção e o pão de todos os dias».

(Continua)

Casa — Vende-se
Avenida 8 N.º 224
ESPINHO

Senhora ou menina recebe-se, para ser tratada como família, em casa de senhora só, sem mais hóspedes.
Rua 8 — 1003-1.º — Espinho

MÚSICA

CONJUNTO PORTUGAL • CONJUNTO CASINO
música de concerto • música de baile • música regional

VARIEDADES — ml 21 a

BALLET MARIA PILAR
Bailados modernos e flamengo
interpretação magistral da JOTA

MARINA NEVES
famosa descoberta da
Rádio Teatro e T. V.

ELENA DE LA VAIRE
Bailados de música alemã

CINE-TEATRO —

todos os dias às 21,30 e aos sábados domingos e dias feriados
matinéas às 15,30

RESTAURANTE * DANCING
SNACK-BAR * SALA DE JOGO
Ambiente distinto — Serviço esmerado

JANTAR CONCERTO: todos os dias das 20 às 22 horas a Cinquenta escudos
CEIAS: após as 24 horas no SNACK-BAR

GRANDE CASINO DE ESPINHO



Brevemente:
Ballet moderno
GINETTE ROLLANDE

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

Taça de Portugal

CUF 4 ESPINHO 1

As equipas alinharam:
CUF — José Maria; G. Silva, Palma e Abalroado; Ferreira Pinto e Oliveira; Correia, Serranito, Medeiros, V. Dias e Costa

ESPINHO — Arnaldo; Massas, Alcobia e Alberto; David e Magalhães; Joaquim, Adriano, Silva Bouçon e Luelano.

Realizou-se no passado domingo a 2.ª «mata» da 1.ª Eliminatória da Taça de Portugal entre a Cuf e o Espinho.

Os primeiros quinze minutos o jogo foi distribuído pelos dois campos com o Espinho a atacar mais a balza adversária. Porém aos vinte minutos a Cuf marcou o seu primeiro golo por intermédio de Medeiros.

O Espinho reagiu mas não obstante o espírito de luta que impôs sofreu novo golo aos 36 minutos por intermédio do mesmo jogador. Assim acabou a 1.ª parte.

No começo da 2.ª parte a Cuf veio deliberadamente ao ataque e logo no primeiro minuto marcou o terceiro golo numa boa jogada entre Serranito, Costa e Medeiros. O Espinho veio para a defesa, tentando aguentar a investida do adversário, mas aos 18 minutos consentiu um novo golo, desta vez por Serranito. O Espinho com este golo espelvou e veio para o ataque marcando o seu golo da honra aos 19 minutos por intermédio de Bouçon.

Jogo de Desempate

Feit-nse 2 B.ª vista 1

Na passada 5.ª-feira, realizou-se o jogo de desempate no Campo da Avenida, saindo vencedor a turma do Feirense, eliminando assim o Boavista passando à 2.ª Eliminatória da Taça de Portugal.

Atletismo

II Torneio de Recrutamento do S. C. de Espinho

Realizou-se no passado domingo mais um torneio de recrutamento entre os atletas do Sp de Espinho que teve as seguintes classificações:
Cadetes Aspirantes — 80 metros — 1.º,

António Couto; 2.º, António Fortuna; 3.º, Luís Torres.

250 metros — 1.º, António Couto; 2.º, Olívio Costa; 3.º, Joaquim Ferreira

Categoria Mista — 100 metros — 1.º, José Leite; 2.º, Joaquim Correia; 3.º, Manuel Jorge.

3.000 metros — 1.º, Eurico Pinto Leite; 2.º, José Leite; 3.º, Mário Jorge.

Salto em Comprimento 1.º, Eurico Leite; 2.º, António Couto; 3.º, António Fortuna; 4.º, Mário Jorge.

Na manhã de domingo próximo efectuar-se-á novo torneio, no campo da Avenida em Espinho, para jovens com mais de 18 anos.

I Légua Pedestre de Espinho

É já no dia 14 que se realizará a I Légua Pedestre de Espinho para clubes e atletas não filiados.

Prova que está a despertar grande interesse entre os clubes praticantes, é dotada de taças e medalhas, além de outros prémios particulares.

Voleibol

Para apuramento da Promoção à II Divisão Regional a Académia de Espinho venceu a Oliveira do Douro por falta de comparecência.

VENDE-SE

Mobiliás de sala de jantar e de quarto e um fogão a gás/cidra.
Falar na Rua 11 n.º 611

NECROLOGIA

Manuel Joaquim Ribeiro

Após prolongado sofrimento na pais da 3.ª-feira da 2.ª fil.ª nesta Vila o sr. Manuel Joaquim Ribeiro com 60 anos de idade, portador de infarto natural de Pinheiro de B.ª posta, casado com a sr.ª D. Angélica Ferreira Ribeiro, pai das sr.ªs D. D. Maria Olete e Maria Angelina Ferreira Ribeiro e dos srs. Alberto Elísio e António Rogério Ferreira Ribeiro, sogro da sr.ª D. Rosália Matiz Ribeiro e do sr. Adão Manuel Correia Simões.

O finado era um profissional competente e um bom chefe de família sendo a sua morte muito sentida por quantos o conheciam.

O funeral realizou-se no dia seguinte, com grande acompanhamento, para o Cemitério Municipal, sendo a urna transportada numa viatura dos B. V. de Espinho e ladeada por um piquete da mesma corporação.

No funeral vieram-se eno parada a bandeira do Sindicato dos Op. da l.ª de F.ª eiros e alguns sócios.

Foram portadores da chave e da toalha os srs. dr. Manuel de Araújo Pinho e Armando Ribeiro sobrinho do finado.

A família enlutada os nossos sentimentos pêsames.

Ajude o Artesanato
comprando bordados de Viana

CASA DE MÓVEIS A. J. O. R.

A. Joaquim Oliveira Relchão

Rua 24 n.º 713 e 719 — Espinho — Telef. 92 03 78
Sucursal na Rua 26 n.º 587

Mobiliás completas de estilo, e avulso
Estofos e artigos populares
Colchoaria de toda a espécie
Colchões Molaflex

Colchões de espuma de borracha Masselatex

ÚNICO REPRESENTANTE

Queira V. Ex.ª fazer uma visita ao nosso estabelecimento onde poderá ver lindas colecções de mobiliás completas

Confie os seus capitais a

PINTO DE MAGALHÃES

BANQUEIROS

estão seguros e rendem sempre mais



PORTO — Rua de Sá da Bandeira, 53
Telefone, 201 33 P. P. C. A.

LISBOA — Rua do Ouro, 95-99
Telefone, 36 60 56 P. P. C. A.

AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ — VILA DA FEIRA — FÁTIMA — PENICHE — TOMAR — ELVAS

CORRESPONDENTES NO BRASIL

Casa Bancária PINTO DE MAGALHÃES, L.ª
RUA DO OUVIDOR, 86-RIO DE JANEIRO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

CORRESPONDENTE EM ESPINHO
CAFÉ MODERNO

Sebastião Pereira do Couto

CONTO

NOTAS CRÍTICAS
JULIO DANTE
Poetas do Brasil

TIPOGRAFIA ESPINIENSE

Benjamim da Costa Dias

Trabalhos tipográficos em todos os géneros nos mais modernos e variados tipos

JORNAIS CARTAZES RECLAMOS

Ruas 14 e 33 Espinho Telefone 92 01 87

JULIA

CONFEITARIA, MERCERIA FINE E FRUTAS

Especialidades diversas e Regionais—Depósito dos Vinhos da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, dos Biscoitos Paupéris e da Água da Terra Nova
JULIA BARBOSA LOURENÇO
Gerência de João Lourenço
Rua 19, 264 Telef. 920204 ESPINHO

Padaria Mecânica Pérola de Espinho de FARIAS & IRMÃO

Especialidade em pão sem fermento artificial, pão francês de luxo, biscoito, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos maquinismos. A higiénia é a divisa da Padaria «PÉROLA»—Entrada Livre
Rua 16-251 Tel. 920084 - Espinho

Colégio de S. LUIS

PRAIA DE ESPINHO Telefone 920060

Internato e Externato para Rapazes
Externato - 3.º ciclo - para Meninas

Ensino Lical: 1.º e 2.º ciclos-para Rapazes, 3.º ciclo, 6.º e 7.º de Letras e Ciências-para Meninas e Rapazes (Curso Misto).

Ensino Técnico: Ciclo Preparatório (Industria e Comercial), Curso Geral do Comércio.

Instrução Primária e Admissão aos Liceus e Escolas Comerciais

COLÉGIO DE N.ª S.ª da Conceição PARA MENINAS

Avenida 24-ESPINHO-Telefone 920303

Internas,
Semi-internas,
e Externas

M. P. Moreira

Telefone 920051 - Espinho
Fábrica de Guarda-sois

Gabardinas e Sobretudos Camuflý GRANDE MARCA
Caçado de todas as qualidades, Chapéus de homem, Malinhas de Senhora, Luvas, etc.
Grande sortido

CASA ROLA

Largo da Graciosa, 37 — Telef. 920616

ARMAZÉM DE

Malhas, Meias, Peugas, Atoalhados, Colchas, Rendas, Bordados e Cobertores.

Depósito das camisas Marfel e B. P.

Grande sortido de Fatos de banho para senhora e criança, Shorts e calções para homem

DESCONTOS PARA REVENDA

HOTEL MAR AZUL

excelentes instalações e tratamento
Avenida 8 — Telef. 920824

Restaurante e Cervejaria Aquário

Rua 19 n.º 28 — Telef. 920377

Ao «Ponto Chic»

ANGULO DAS RUAS 8 E 19
Elias Pereira Tavares & C.ª, L.ª

Pastelaria e Merceria fina, presunto, fiambre, paio e queijo das melhores procedências - Bebidas finas e diversas especialidades

Casa Padrão

DE Francisco Fernandes Padrão

Rua 16-681 - Telefone 920168
Agente das Tintas Plásticas e dos esmaltes Fercon
Artigos de picheteiro, bombas, torneiras, luças sanitárias, montagens de quartos de banho, etc.

PADARIA CENTRAL

Sociedade Industrial de Padarias de Espinho, L.ª
Especialidade em pão sem fermento artificial—pão sistema espanhol, tosta azeda e biscoito tipo «Valongo». Fabrico esmerado pelos mais modernos e higiénicos processos. A padaria mais higiénica de Espinho. As melhores instalações no género no norte do País
Angulo das Ruas 14 e 23 • Tel. 920135

Padaria Ferreira

M. Nunes da Silva & C.ª
Pão de todas as qualidades fabricado pelos processos técnicos e higiénicos mais modernos
Especialidade em pão com fermento natural
Todos os dias as deliciosas «Vitaminas d'Austria»
Sede: Rua 19-245 - Filial: Rua 42-491 ESPINHO

Estima, Valente & C.ª, L.ª

FABRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA
Especialidade em caixas APLAINADAS e MARCADAS para embalagem de figo
Tel. 920028 - Teleg. ESTIVALENTE - ESPINHO

Grande Garage de Espinho

Clemente Silvestre Rodrigues Subaço
Estação de Serviço SHELL—Pronto Socorro Permanente—Secções de Mecânica, Chapelro e Pintura—SHELL BUTAGAZ, fogões, fogareiros etc.
Venda de carros usados
Rua 62 n.º 884 Tel. 920552 ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, L.ª

ARMAZENISTAS DE MERCERIA, CEREAIS E GORDURAS
Agente em Espinho da Companhia Produtora de Leite e Cerveja Portuguesa
CERVEJA PRETA MUNICK e Refrigerantes SCHWEPPES
Ruas 16 e 25 - Tel. 920190 - Espinho

Cadinha & Couto

Merceria, Cereais, Azeites
ARMAZENISTAS
Armazens e escritório:
ANGULO DAS RUAS 18 e 25
Tel. 920052 - ESPINHO

Armazém de Merceria, azeites, farinhas e cereais

MÁRIO FORTUNA COUTO

Depósito de Açúcar, Toucinho e Gordura
Telefone 920505
Rua 9-455 a 447 - ESPINHO

CONFEITARIA SAMEIRINHO

Especialidade em Bolos, Docas regionais fabricados na mesma confeitaria
Sala de Chá
Serviço de Café, Chocolate e Caca
Manuel Augusto de Castro
Rua 19 n.º 196-Telefone 920485
ESPINHO

Padaria e Confeitaria «Modelar»

a casa mais elegante de Espinho neste género, mecanizada pelos mais modernos processos higiénicos
MATOS & IRMÃO
Rua 18, 953-957 - Tel. 920127 - Espinho
Esmerada fabricação de pão de todas as qualidades. Pão de forma para torradas e sandúches, fabrico especial desta casa.
Secção de pasteleria e confeitaria
Filial em Paços de Brandão

Padaria Afonso

V.ª de Afonso Ferreira Gaio
PÃO DE TRIGO E DE MILHO
Especialidade em fabrico de Pão Integral
Rua 14-863 ESPINHO Tel. 920196

HORVA

FABRICA DE MOBILIAS E OBJECTOS UTILITARIOS

Vimes, junco, mistos e palmito
Rua 14 N.º 1244-1252 - Tel. 920291
ESPINHO

Fábrica HÉRCULES

Afonso Henriques, Sucrs.
Fábrica Transformadora de Matérias Plásticas
Apartado 40 - End. Teleg. HÉRCULES
Telefone, 920144 - ESPINHO

Casa dos Vidros

de Vidraria Ferreira
Agostinho de Sousa Ferreira
Depósito de Vidraça em caixas, cortada ou colocada, Molduras para caixilhos, Espelhos, Tijolos e Telhas de Vidro
Grande desconto para Revenda
Rua 30 n.º 655 ESPINHO
TELEFONE, 920750
PRÓXIMO 'A CENTRAL ELÉCTRICA

PENSÃO DO PORTO

Junto ao Teatro S. Pedro
Telefone 920392—ESPINHO
PENSÃO RESTAURANTE LUSO-IMPÉRIO
Junto ao Casino
Telefone 920394—ESPINHO
Proprietário: MANUEL VENTURA

SERRAÇÃO DE MADEIRAS DA PONTE DE ANTA

Francisco R. do Castro & Filhos, L.ª
Bastões, ferros aparelhados, madeiras para a construção civil e calçoteira
Telefone, 920067 - ESPINHO

LUSO-CELULOIDE de HENRIQUES & IRMÃO, L.ª

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos
Telefone, 920070 • ESPINHO • Apartado, 22
Bijuterias, Travessas, Travessões, Ganchos, Pontes, Óculos, Espelhos, Calçadeiras, Cartelas para passos, Bolas, Rocas, Bonecos, Máquinas para barbear, etc., etc.

«Defesa de Espinho»

Preços das assinaturas, por ano:
Portugal Continental . . . 55000
Províncias Ultramarinas
Brasil — remessa semanal
— via marítima . . . 80000
Venezuela remessa semanal
— via marítima . . . 100000
Idem — via aérea . . . 200000
Idem — via aérea — Semestre 140000
NUMERO AVULSO 1500

MOPE, L.ª (Agência Informadora Comercial)

Proprietária do Boletim «Guia do Crédito»
A maior Organização estabelecida no País
PORTO LISBOA:
Rua de Sá da Bandeira, 255/1º Av. da Liberdade, 100
Telef. 24655 e 28488 Telef. 55419 e 587585
End. Tel. MOPE End. Tel. GUIATO



Porto — Gaia — Espinho
Vinhos de P. isto, verdes e maduros
Para as Ex.ªs Donas de casa uma garantia de qualidade em garrafas de 5 litros.
A venda nos bons estabelecimentos

Régua — Torres Vedras
Aquisição directa na origem.
Qualidades esmeradas
Recomendamos também o nosso Vinagre feito de vinhos puros e em garrafas com rolha especial recuperável

Vinho Puro... Alimento Puro...

Fogões a gás butano ou hulha

VITÓRIA E PROGRESSO

Duas marcas que se impõem
Fabrico com garantia e assistência técnica da

Fábrica Progresso

Manuel Francisco da Silva & C.ª L.ª
ESPINHO

À venda nos estabelecimentos locais:
AGÊNCIA CIDLA — Rua 25 n.º 252
LOUÇARIA GUERREIRO — Rua 16 n.º 485

PREFIRAM OS FOSFOROS DA FOSFORIBRA PORTUGUESA